

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**Uma Cinemateca em Chamas - Histórias de Projeção e Projeccionistas**  
**20 de Janeiro de 2026**

**A MORTE DO CINEMA / 2003**

*Um filme de Pedro Sena Nunes*

Realização e Fotografia: Pedro Sena Nunes / Som: Emídio Buchinho / Montagem: Micael Espinha / Com: Álvaro Dias.

Produtor: Pedro Sena Nunes / Cópia em 35mm, colorida, falada em português / Duração: 30 minutos / Inédito comercialmente.

**CÃES SEM COLEIRA / 1997**

*Um filme de Rosa Coutinho Cabral*

Realização: Rosa Coutinho Cabral / Direcção de Fotografia: Daniel Del Negro / Assistente de Fotografia: Carlos Assis / Guarda-Roupa: Rosa Lopes Alves / Som: Pedro Caldas e Raquel Jacinto / Assistente de Realização: Simão dos Reis / Interpretação: Luís Pavão, Laurinda Ferreira, Helena Laureano, João Cabral, Paula Sá Nogueira, Vasco Campos, António Feliciano, Camacho Costa, etc.

Produção: Milimagens (Joaquim e Paulo Lavadinho) / Produtor: João Pinto Nogueira / Cópia em 35mm, colorida, falada em português com legendas em inglês / Duração: 64 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**Com a presença de Pedro Sena Nunes e Rosa Coutinho Cabral**

\*\*\*

Dois filmes que olham para o cinema, e mais especificamente para uma condição historicamente intrínseca ao cinema mas que o cada vez menos, a projecção, como uma forma ou uma possibilidade de resistência, nos vários sentidos do termo – resistência política, resistência cultural, resistência, enfim, ao próprio tempo que passa.

O filme de Pedro Sena Nunes é, essencialmente, uma bela e preciosa peça de história oral. História material também, porque há uma enorme atenção aos objectos da projecção de cinema, as máquinas e as partes das máquinas, mostradas e explicadas. Mas história oral, sobretudo, porque até isso, a questão técnica, é dada pelo discurso de Álvaro Dias, projeccionista de longa vida dedicada ao cinema – começou a trabalhar numa cabina de projecção, como ele conta, aos 15 anos. Trabalhou em cinemas “oficiais”, com todo o orgulho que isso acarreta (quando mostra o cartão do sindicato ou coisa que o valha, isso é para o atestado máximo de dignidade, dignidade não necessariamente pessoal mas dignidade da profissão, sobretudo), mas também trabalhou em cinemas “clandestinos”, no seu próprio “cinema clandestino”, onde foi projeccionista, programador, etc... Através das suas memórias, que não são apenas memórias “técnicas”, são memórias “sociais”, são memórias do lugar e do papel que o

cinema desempenhou na vida pública do século XX, são memórias que desenham, chamemos-lhe, uma espécie de sociologia empírica – através destas memórias, dizíamos, o que se conta é, de facto, *uma história do cinema*. De que este filme, de título ironicamente (?) fúnebre, se faz arquivo.

Em **Cães sem Coleira** Rosa Coutinho Cabral persegue a biografia de um projeccionista ambulante, acreditando que, sem perder toda a sua especificidade e individualidade, essa biografia pode sintetizar uma corrente mais vasta, sendo capaz de abranger um discurso sobre o impacto social do cinema e partir daí para um discurso sobre o país. A organização interna de **Cães sem Coleira** é extremamente estimulante, sobretudo pelo modo como se dedica a um permanente jogo entre a realidade e a sua representação. “Falso documentário” tanto quanto “falsa ficção”, o filme de Rosa Coutinho Cabral parece integrar a consciência de que a realidade é sempre uma construção, e que para atingir a sua verdade é preciso passar por um sem número de representações - a “falsidade”, entendida como uma espécie de “réplica” da realidade, toma-se então a maneira mais sincera de tocar o âmago das coisas. Essa ideia de réplica está bem patente nos pequenos apontamentos onde se encenam instantes da vida do projeccionista António Feliciano, numa representação que, no entanto, nunca apaga nem se substitui ao próprio António Feliciano - presença constante, activa, comentadora e interveniente. Esta ideia tem o seu corolário lógico no final do filme, quando Rosa Coutinho Cabral pede a Feliciano que escolha uma cena do “script” e que a encene ele mesmo. Ou seja, é o momento em que a António Feliciano é dada a oportunidade de fazer *o seu próprio cinema*, fundindo em definitivo os níveis da realidade e da representação, do “verdadeiro” e do “falso”, em benefício de uma ideia de fidelidade à experiência e à memória individuais. Experiência e memória individuais onde se pode reflectir, então, toda uma dimensão colectiva: **Cães sem Coleira** é, por isso mesmo, também um filme sobre o Portugal dos últimos cinquenta anos, e sobre o cinema como hipótese de “resistência”.

Luís Miguel Oliveira